

Um basta à ignorância

A ciência, a democracia, a tolerância — alguns nobres sinônimos da civilização — estão sob o ataque do que se poderia chamar de nova Idade das Trevas

Por Rinaldo Gama, Filipe Vilicic e Marcelo Marthe

Publicado em 13 set 2019, 06h30



(Montagem de Beto Neje com fotos de Shutterstock/.)

Seria exagero dizer que a Idade Média se livrou por completo de um incômodo epíteto que o Renascimento lhe impôs: Idade das Trevas. Mas faz algumas décadas que a ideia de que tudo foi escuridão no período medieval vem sendo contestada. Entre os argumentos apresentados para isso por vários intelectuais de primeira linha está o de que classificar como trevas uma época que viu florescer a laicidade e as primeiras universidades europeias — o.k., ao lado da Inquisição — seria no mínimo reducionista. O problema é que o tal “incômodo epíteto” está de volta. Às avessas. Num processo exatamente oposto ao verificado em relação à Idade Média, que ganhou luz, a fase mais recente da Idade Contemporânea — ensolarada pela explosão da internet e sua promessa de democracia do conhecimento, pelos avanços científicos e pelo progresso social — tem se convertido em uma nova Idade das Trevas. Sai o Iluminismo (vale dizer, a razão) e entra o obscurantismo (em uma palavra, a insanidade).

Uma das vozes importantes preocupadas com o fenômeno é o historiador israelense Yuval Noah Harari, autor de *Sapiens: uma Breve História da Humanidade* (2011), *Homo Deus: uma Breve História do Amanhã* (2015) e *21 Lições para o Século 21* (2018), que, juntos, já ultrapassaram a marca de 20 milhões de exemplares vendidos em todo o planeta, mais de 500 000 deles só no Brasil ([leia a entrevista](#)). Segundo Harari, a ciência encontra-se hoje sob ataque por diversas razões. “Primeiro, porque as pessoas menosprezam as enormes conquistas que ela trouxe. Um segundo fator é que os líderes populistas estão em alta, e eles são inimigos contumazes da ciência porque ela expõe verdades que vão contra seus comandos”, disse ele a VEJA.

É um ataque sem trégua, que se estende a outras conquistas da civilização ocidental — a democracia, a tolerância, o humanismo. Esse bombardeio das sombras sobre as luzes se intensificou de forma assustadora nos dias atuais: pelos motivos que Harari aponta; pela onda de conservadorismo; por certa nostalgia do autoritarismo; pelas teorias conspiratórias; e pelas notícias falsas. Tudo isso difundido por meio da web, mais especificamente nas redes sociais, muitas vezes o nascedouro e o QG de movimentos que se orientam pelas trevas.



BIENAL – Fiscais da prefeitura do Rio invadem o evento para recolher uma HQ da Marvel com beijo gay: tentativa de censura (Wilton Junior/Estadão Conteúdo)

Os exemplos de que se está vivendo um tempo escuro, sombrio, obnubilado são cristalinos. Só na última semana os brasileiros depararam com vários deles. O prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (PRB), brigou na Justiça, e felizmente perdeu, para conseguir recolher da Bienal do Livro a novela gráfica Vingadores: a Cruzada das Crianças, que tem em suas páginas um beijo gay trocado entre dois super-heróis — numa clara tentativa de censura, que inevitavelmente lembra os regimes mais totalitários da história humana. Dias após esse episódio, um dos filhos do presidente da República, o vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), postou nas redes que, pelas vias democráticas, a transformação do país não ocorrerá na velocidade desejada. Ele se defendeu depois, dizendo que fora mal interpretado pelos “canalhas” dos jornalistas: não fizera a apologia da ditadura. Balela. Fez e foi obrigado a recuar.

No campo da ciência, ou da pseudociência, seguia frenética a preparação de uma convenção nacional de terraplanistas — os partidários da estultice de que o planeta é plano —, agendada para novembro, em São Paulo. No início deste mês, os organizadores tiveram de mudar o local do evento, transferindo-o para um auditório maior, devido à intensa procura por ingressos na web. Alguns dos mais conhecidos terraplanistas do globo — repetindo: globo —, como o americano Mark Sargent, viraram celebridades por meio de seus canais na internet, notadamente o YouTube, falando barbaridades para essa turma.



FÉ E PODER – Edir Macedo e Jair Bolsonaro: influência evangélica na política

Seria simples demais atribuir o avanço do obscurantismo ao subdesenvolvimento de países como o Brasil. A ignorância ganha terreno sobre o conhecimento também no mundo desenvolvido. Exemplo disso é o atual surto de sarampo na Europa, que registrou quase 90 000 casos da doença nos primeiros seis meses deste ano. Estão por trás do fenômeno questões religiosas e um insano movimento antivacina, que despreza a lógica e as conquistas comprovadas da medicina. “Os adeptos da Terra plana ou os que se posicionam contra as vacinas não são céticos. O ceticismo é uma posição filosófica respeitável, embasada em raciocínios lógicos. Já os totalmente descrentes na ciência, como os terraplanistas, não possuem

um método, nem raciocínios, que se sustentem”, avalia o historiador Gildo Magalhães, diretor do Centro de História da Ciência da Universidade de São Paulo.



NOSTALGIA – Manifestantes na Avenida Paulista (2018): saudade da ditadura (Alice Vergueiro/Estadão Conteúdo)

O método ao qual ele se refere, o científico, foi desenvolvido ao longo de séculos. Suas conclusões devem ser guiadas por uma série de etapas. Primeiro se faz uma pergunta (exemplo: por que os objetos caem?). A partir do questionamento, cria-se uma hipótese (a teoria da gravidade), da qual se fazem previsões, que são testadas em experimentos. No fim, todo o processo é escrutinado pela comunidade científica. Ao longo principalmente dos últimos 300 anos, esse método foi responsável por distanciar, cada vez mais, ciência de crença. Contudo, é um equívoco supor que o progresso seja um processo contínuo. A evolução da humanidade não constitui uma estrada reta, e sim um trajeto repleto de curvas, desvios, buracos — o cenário de uma viagem acoçada por convulsões. “Freud acreditava que a relação do homem com a civilização sempre representaria um conflito”, sublinha o psicanalista e psiquiatra Jorge Forbes. Um dos polos desse conflito é a religião. Em certa medida, os embates entre razão e fé — “batalhas sombrias”, na definição de Bertrand Russell (1872-1970), nome de ponta da filosofia inglesa — sintetizam, na história da humanidade, os confrontos entre luz e sombras. Caso emblemático dessa disputa é o italiano Galileu Galilei (1564-1642), que em 1633 foi condenado por heresia por tentar provar a teoria heliocêntrica. Diante do Santo Ofício, ele se viu obrigado a negar suas convicções.



TERRA CHATA – Mark Sargent, terraplanista militante: celebridade no YouTube (./.)

A verdade é que, na mais perfeita tradução da Idade das Trevas, a Igreja Católica medieval perseguiu, julgou e pôs fim à vida de dezenas de milhares de pessoas acusadas de se desviar de suas normas de conduta. Neste século, islâmicos extremistas já fizeram centenas de vítimas na Europa e no Oriente Médio. Em outro tipo de radicalismo, os evangélicos, por exemplo, não aceitam submeter-se a certos cuidados médicos para “não profanar o corpo”.

A questão se agrava quando crenças religiosas começam a pautar a condução da política. É o que ocorre atualmente no Brasil em nível federal. A influência dos líderes evangélicos na agenda de Jair Bolsonaro já havia ficado clara desde a transição, quando o presidente alardeava em entrevistas que transferiria a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém. A medida foi descartada após Bolsonaro ter sido convencido dos prejuízos econômicos, políticos e diplomáticos que a manobra traria ao país. No lugar da embaixada foi aberto na cidade um escritório de negócios, o que desagradou aos representantes do credo no Congresso Nacional. Em temas comportamentais, o governo se alinha ao conservadorismo religioso quando flerta com a censura a produções culturais de teor mais liberal. Um edital para séries LGBT que seriam transmitidas em TVs públicas foi suspenso após críticas feitas pelo presidente. No início do mês, Bolsonaro anunciou que havia solicitado ao Ministério da Educação um projeto de lei que proíba a discussão de “ideologia de gênero” em escolas. A divulgação da iniciativa foi feita pelo Twitter — o presidente conta com milhões de seguidores na rede.



POPULISMO - O presidente Donald Trump: surfando a onda das redes sociais (Evan Vucci/AP)

Paradoxalmente, a tecnologia criada para democratizar e acelerar a divulgação do conhecimento virou o veículo de propagação de ideias obscurantistas, de vômitos raivosos dos “debates” polarizados e até uma fonte de renda para aqueles que surfam a onda da ignorância digital. O filósofo Olavo de Carvalho, guru da família do presidente, é um dos que lucram com a ajuda da internet, oferecendo cursos on-line. Sim, há gente que paga para ouvir sua enciclopédia de sandices. O último “verbete” divulgado por ele dias atrás pôs em dúvida se as músicas dos Beatles teriam sido compostas pelo quarteto de Liverpool. Segundo Carvalho, que também flerta com o terraplanismo, as canções seriam obras do filósofo alemão Theodor Adorno (1903-1969). John Lennon deve estar se revirando na tumba. Qual seria a evidência da participação de Adorno? Nenhuma, é claro. Ao sabor da nova Idade das Trevas, Carvalho simplesmente jogou na rede sua crença estapafúrdia. “Embora a web tenha aberto oportunidades, dado voz a grupos marginalizados e facilitado nossa vida cotidiana, ela também deu abertura àqueles que espalham o ódio”, admitiu ninguém menos que o físico inglês Tim Berners-Lee em carta pública divulgada em março deste ano. Em 1989, ele concebeu o www, sigla para World Wide Web, o protocolo que transformou a rede mundial de computadores na internet tal como a conhecemos hoje. Três décadas depois de seu extraordinário feito, 4 bilhões de indivíduos, cerca de 120 milhões de brasileiros entre eles, acessam a web.

É colossal a quantidade de informações com as quais se tem contato diário pela internet. Em meros quinze minutos, a humanidade gera mais que o triplo de dados do que há armazenado no maior acervo físico do mundo, o da Biblioteca do Congresso americano. Quando Tim Berners-Lee criou a web, imaginava que toda essa vastidão de informações a serviço do saber iria ajudar particularmente a disseminar o conhecimento. Todavia, ocorreu o contrário. “Essa é a questão com a internet: há muita informação maravilhosa nela e também muita fraude. O que acaba

levando as pessoas a acreditar que têm conhecimento sobre algo, quando esse algo não passa de uma mentira. É difícil para elas diferenciar o falso do verdadeiro nas redes”, analisou, em entrevista a VEJA, o psicólogo americano David Dunning, professor da Universidade de Michigan. Em 1999, ele formulou, ao lado do colega Justin Kruger, o efeito Dunning-Kruger. Segundo esse conceito, indivíduos que possuem pouco conhecimento sobre um assunto tendem a se achar mais sábios do que aqueles que realmente mergulharam no tema.



NEGAÇÃO – Protesto nos EUA contra a vacina que previne sarampo, caxumba e rubéola: desprezo às conquistas científicas (Ted S Warren/AP)

Um estudo realizado em 2016 pela Universidade Stanford (EUA) revelou que, entre os jovens apelidados de nativos digitais — aqueles que nasceram na época em que a web já era popular —, somente um quarto é capaz de distinguir uma notícia verdadeira de uma falsa (*fake news*). E, segundo concluiu outra pesquisa, da Universidade Columbia (EUA), 59% dos usuários de redes sociais tendem a compartilhar um conteúdo antes mesmo de lê-lo ou vê-lo. Não é difícil entender por que o universo virtual se transformou em um campo fértil na Idade das Trevas. Uma notícia falsa costuma demorar em torno de catorze horas para ser desmentida no Twitter. O problema é que esse desmentido usualmente conta com menos compartilhamentos e curtidas do que o boato original. Resultado: é menor o número de pessoas que têm contato com a verdade, em relação às que acreditaram na mentira. A ciência, assim, torna-se vítima fácil dos obscurantistas da internet. “Com a web, as ideias reacionárias tiveram condição de se expandir em nível de massa; o que era ‘reação’ virou ‘ação’”, atesta Roberto Romano, professor de ética e filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Para os estudiosos que interpretam o presente à luz das lições do passado, o impacto das redes sociais sobre os alicerces da razão científica não chega a surpreender. Em sua obra mais recente, *A Praça e a Torre* (2017), o historiador inglês Niall Ferguson demonstra que os momentos de grande convulsão e perda de certezas na trajetória humana sempre foram disparados pelo advento de novas modalidades de comunicação — que, embora passassem longe do poder de conexão exponencial das redes atuais, revolucionaram a vida dos cidadãos ao ampliar de forma inédita a velocidade de circulação da informação. Algo parecido aconteceu há cerca de 500 anos, quando a invenção das prensas de imprimir livros e jornais em grande escala bombardeou os cidadãos subitamente com um nível de informação jamais visto. Da mesma forma que ocorreu com o surgimento da imprensa, os ganhos são formidáveis para o progresso a longo prazo — no entanto, de imediato, a algaravia causa confusão e caos. É o caldo perfeito para a propagação das teorias conspiratórias. Nessas guinadas tecnológicas, diz Ferguson, “cresce a suspeita de que o mundo seja controlado por redes poderosas e exclusivas: os banqueiros, o establishment, o sistema, os judeus”. Quando a informação circula num passo mais rápido do que a sociedade é

capaz de absorver, o mundo não raro se torna uma Babel delirante. Talvez a mais letal das teorias conspiratórias da história seja aquela propagada pelos *Protocolos dos Sábios de Sião*, peça fictícia surgida na Rússia do fim do século XIX que dava conta de uma falaciosa conspiração judaica para dominar o planeta. Sua difusão contribuiu para a atmosfera antisemita que, aliada à desagregação social e à humilhação impostas aos alemães na I Guerra, desaguaria no nazismo e no Holocausto.



HEIL, HITLER! – Nazistas recolhem obras consideradas impróprias para levá-las à fogueira em Berlim (1933): totalitarismo (Ullstein Bild/Getty Images)

“Eu pensava que quando todos pudessem falar livremente e trocar informações e ideias o mundo iria automaticamente se tornar um lugar melhor. Estava errado. A internet está quebrada”, desabafou, em 2017, o americano Evan Williams, um dos fundadores e ex-CEO do Twitter, ao comentar outra evidência da presença da escuridão nas redes sociais: a propagação de diversos tipos de discurso de ódio. “O termo ‘redes sociais’ está errado. São redes antissociais”, avalia José Teixeira Coelho Netto, coordenador de um grupo de estudos sobre culturas computacionais no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP).

Fundado em 2004 com a modestíssima intenção de conectar estudantes universitários americanos, o Facebook só começou a se preocupar com seu papel nesse quadro tenebroso das redes em 2009. Até 2015, porém, a inteligência artificial (IA) que rege o site só era capaz de detectar e eliminar spams e perfis falsos. Entre aquele ano e 2017, a empresa passou a monitorar também imagens de nudez e de violência. De lá para cá, especialmente depois de escândalos como o que envolveu a consultoria política inglesa Cambridge Analytica — acusada não só de coletar informações indevidas de usuários do Facebook como também de usá-las para influenciar a campanha de Donald Trump à Presidência dos EUA, o que obrigou o fundador e CEO da companhia, Mark Zuckerberg, a depor no Congresso em 2018 —, o zelo da empresa em relação a tudo o que nela trafega aumentou. O trabalho de IA foi aprimorado e, hoje, é complementado pelo serviço de 15 000 funcionários encarregados de também monitorar posts que firam suas regras — como aqueles que promovem preconceitos e atos violentos.



SANTO OFÍCIO – O italiano Galileu Galilei no Tribunal da Inquisição, em pintura de Cristiano Banti: embate entre razão e religião (Dea Picture Library/De Agostin/Getty Images)

No YouTube, igualmente, há uma vigilância cerrada contra os obscurantistas. Após uma série de atualizações do algoritmo do site, só até a metade deste ano foram eliminados da plataforma algo próximo de 8,3 milhões de vídeos impróprios. Tais providências tiveram o mérito, por exemplo, de diminuir em 80% o alcance de vídeos de supremacistas brancos e em 50% os que espalham *fake news*.

Tão preocupante quanto o ataque do obscurantismo contra o conhecimento é o estrago que ele pode produzir na política. Da Europa aos Estados Unidos, passando inevitavelmente pelo Brasil, o retrocesso ameaça a solidez da democracia liberal. De novo, as redes sociais são o catalisador inescapável do processo. “É inegável que a democracia vive um mal-estar em parte considerável do mundo, e a revolução digital é, em boa medida, responsável por esse mal-estar”, acredita o filósofo e cientista político Fernando Schüller, professor do Insper. Políticos neopopulistas, como Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, no Brasil, conseguem surfar exemplarmente no universo virtual. “Eles levam vantagem nas redes sociais porque são capazes de falar direto com o eleitor, usando mensagens curtas para simplificar conceitos”, analisa o cientista político José Álvaro Moisés. “São políticos que se aproveitam da perplexidade dos cidadãos para transformar a realidade segundo suas visões autocráticas”, completa Lilia Schwarcz, autora do livro *Sobre o Autoritarismo Brasileiro* (2019).

No caso do governo Bolsonaro, essa inclinação — de resto, um traço típico da nova Idade das Trevas — é nítida. Tome-se o caso do chanceler Ernesto Araújo. Em uma palestra que fez dias atrás em Washington, ele alegou que os sistemas que demonstram a relação entre aquecimento global e ação humana estão errados e atribuiu ao que chamou de “climatismo” a reação internacional aos incêndios na Amazônia — contra todas as evidências científicas. E completou: “A Amazônia é o marco zero contra o globalismo”, termo que definiu como sendo “o amálgama da economia globalizada com o marxismo cultural infiltrado nas instituições”.



SOB PRESSÃO – Mark Zuckerberg: redes sociais impulsionam o obscurantismo (BERTRAND GUAY/AFP)

O conceito de globalismo foi introduzido nos Estados Unidos na década de 70 com a proposta de unir as noções de livre-comércio e mercado irrestrito. O entendimento era que as fronteiras entre países se tornariam cada vez menos importantes e os povos acabariam mais unidos. No entanto, o que ocorreu foi o contrário. Entre as explicações para a proliferação do ódio ligado ao extremismo político — que aproxima os Estados Unidos de Donald Trump do Reino Unido de Boris Johnson — está justamente o globalismo. Para Walden Bello, professor de sociologia da Universidade do Estado de Nova York, negar o globalismo e isolar-se representa um grande revés: “Tomar essa atitude promove o chauvinismo. O Brexit, que propõe uma volta ao passado, conclama por uma nostalgia delirante de um país que não quer deixar para trás seus dias de império. Nesse sentido, assemelha-se ao bordão trumpista “Torne a América grande novamente”. Esse sentimento resvala na ideia, propagada por aqui, de que “bom mesmo era no tempo da ditadura”.

“Quem poderia ser contra a razão, a ciência, o humanismo ou o progresso? (...) Esses ideais precisam de defesa?”, indaga o canadense Steven Pinker, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Harvard em seu livro *O Novo Iluminismo* (2018). E logo se apressa em responder: “Com certeza”. Suas palavras funcionam como um chamamento, uma convocação contra o eclipse do conhecimento — para que a Idade Contemporânea não se transforme, definitivamente, na Idade das Trevas.

Com reportagem de Adriana Dias Lopes, Amanda Péchy, Denise Chrispim Marin, Edoardo Ghirotto, Jennifer Ann Thomas, Roberta Paduan e Sabrina Brito

©Publicado em VEJA de 18 de setembro de 2019, [edição nº 2652](#)
